

AS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA AMERÍNDIA e História em *Órfãos do Eldorado*.

Mágda Xisto dos Reis¹

Resumo

O presente artigo visa analisar o romance *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, bem como a representação da literatura ameríndia na tessitura de sua narrativa. O autor compõe a obra por meio da apresentação e representação dos mitos amazônicos, principalmente no que tange ao mito do El Dorado, dessa forma a literatura indigenista é contemplada como representação cultural de um determinado povo.

Palavras-chave: Amazônia; Ameríndio; História; *Órfãos do Eldorado*.

Resumen

El presente artículo trata de analizar la novela *Huérfanos del Eldorado*, de Milton Hatoum, así como la representación de la literatura ameríndia en la tesitura de su narrativa. El autor compone la obra por medio de la presentación y representación de los mitos amazónicos, principalmente en lo que se refiere al mito de El Dorado, de esa forma la literatura indigenista es contemplada como representación cultural de un determinado pueblo.

Palabras-clave: Amazonía; Ameríndio; Historia; *Huérfanos del Eldorado*.

4

Recebido em: 03.03.2018

Aprovado em: 11.03.2018

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.1217056>

¹ Graduada em Letras e respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Pós-Graduada em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Porto FGV; Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia- UNIR. magdaxreis@gmail.com

Apresentação da obra e seus desdobramentos

No ano de 2008, o autor Milton Hatoum publicou *Órfãos do Eldorado*, livro escrito sob encomenda para a Coleção Mitos, lançada pela Editora Companhia das Letras. A referida editora possuía como propósito publicar mitos antigos os quais seriam reescritos e reinventados por autores contemporâneos de vários países. Hatoum, de origem amazônica, recorreu a um dos mitos mais conhecidos da história o mito do El dourado, inúmeros exploradores, etnógrafos e estrangeiros aventuram-se na busca pelo enriquecimento rápido que o mito propagava. Em seus relatos de viagem descreviam o maravilhoso, do fantástico, uma Amazônia povoada por mistérios e ouro, eram incansáveis buscas pelas “minas do Rei Salomão” em meio à selva Amazônica.

O mito escolhido pelo autor não é o tema central do romance, todavia é através da perspectiva universalizante própria deste tipo de narrativa em que o imaginário social do lugar permeia. Além do mito, há ainda demais lendas regionais de etnias da região.

A personagem principal é Arminto, filho de Amando Cordovil, família de um alto padrão social: “Muita gente conhecia meu nome, todo mundo tinha ouvido falar da riqueza e da fama do meu pai (...)” (HATOUM, 2008, p.8). É o protagonista quem narra os acontecimentos ligados a ele, e sua família. Em dados momentos oscilando entre as lendas e os fatos que o mesmo rememora.

Hatoum usa simbologias expondo alteridade e memória, uma espécie de discurso mitológico provindo da representação do real e do fantástico em um misto de composições. Na leitura do romance, em primeiro momento, não há como situar onde começam as impressões da personagem e onde as re-

presentações mitológicas se fazem presente, existe uma homogeneidade que torna incapaz a dissociação.

Há uma gama de escritos sobre as lutas dos exploradores coloniais e pós-coloniais nas terras amazônicas e dos povos autóctones. Além do mito acima citado há outros da cultura indígena que fazem parte da história narrada compondo um cenário diversificado.

Tal tipologia de narrativa, repleta de mitos e lendas, constitui a tradição indígena e esta, por sua vez, encontra-se fortemente ligada à literatura brasileira. Contudo a valorização que se dá as etnias ameríndias ainda é irrisória, tanto no âmbito das artes quando no contexto literário. As obras de cunho indígenas apresentam como foco os mitos de tradição indígena, anteriormente eram repassados apenas por relatos orais, e atualmente passaram a ter registro escrito.

Os indígenas passam a ter certo domínio da língua portuguesa escrita, e assim, a escrever suas canções, poemas, lendas e crenças.

Partimos do pressuposto que as pluralidades das práticas culturais indígenas estão textualmente ligadas as suas representações, como por exemplo, sua pintura corporal. Na novela de Hatoum percebemos estas nuances referenciadas através dos ritos de purificação bem como dos causos contados, tradição oral, e, ainda dos instrumentos musicais.

Mencionar representação é fazer alusão à “imitação” de algo que exista, seja no campo da realidade ou no campo intelectual. A etnia dos Apurinã, indígenas da região Amazônica, de acordo com a narrativa de Hatoum, antes de sacrificarem um animal imitavam-no, como uma espécie de homenagem ou agradecimento prestado àquele que lhe serviria de alimento.

Hatoum, sobre sua experiência com os indígenas relata em um documento

ao Instituto Nacional de Pesquisas do Amazonas, o elo que se dá entre a literatura e os textos etnográficos, assumindo que os utiliza para reproduzir em suas obras ficcionais a composição da estrutura da narrativa bem como das personagens (HATOUM, 2005, p.87). Sobre a relação de literatura e textos indígenas diz:

Sem dúvida, para esses escritores [José de Alencar, Darcy Ribeiro], o contato direto com os povos indígenas e/ou a leitura de textos etnográficos e antropológicos foram fundamentais para a construção de seus personagens. Mário de Andrade, não conviveu com índios, mas vários mitos e lendas de Macunaíma foram extraídos de sua leitura de Von Roraima zum Orinoco, a obra de Theodor Koch-Grumberg, que ele leu em alemão. Além disso, sua viagem a Amazônia em 1827, quando subiu o rio Amazonas e o Solimões até Iquitos, foi determinante para a feitura de seu romance-rapsódia. Em Macunaíma são tantas as referências precisas de frutas, peixes, topônimos e expressões da Amazônia que um nativo dessa região familiariza-se com o livro logo nas primeiras páginas. Outras obras (p.s Meu tio o Iauarê, de Guimarães Rosa e Los Rios Profundos, de José Maria Arguedas), revelam que os nativos dessa América não são apenas temas potencialmente literários, mas antes fazem parte da busca do diálogo com o Outro, busca que suscita de identidade, poética e linguagem, em que a imagem do indígena se reflete em nós mesmos, na nossa própria constituição e nosso modo de ser. (HATOUM, 2005, p. 83-87).

Ou seja, alguns autores que criaram personagens indígenas nem ao menos tiveram contatos com eles, dando cor, ritmo e biografia a partir do olhar de outros, muitas vezes estrangeiros, o que pode vir a provocar algum apagamento em relação ao real cenário cultural das etnias.

O autor de *Órfãos do Eldorado* preenche sua obra com memória, identidade, e alteridade um resgate tido como descolonial em contraposição com a história da região. A personagem Florita é o ponto de contato de culturas que se diferem dentro da obra, indígena [Florita] que cuidou de Arminto e por ele fora violentada.

Existe ainda a necessidade de distinguirmos a literatura ameríndia da literatura indígena, para tanto o crítico Antônio Cornejo Polar será acrescentado à análise. De acordo com o crítico a literatura indígena é classificada quanto àquela que é produzida pelos indígenas. Já a literatura indigenista ou ameríndia é produzida por outrem e não pressupõe versão verossímil do universo autóctone, Cornejo Polar defende, portanto, a existência de uma literatura heterogênea, pois esta se encontra na intersecção de duas sociedades distintas, de duas culturas (CORNEJO POLAR, 2000, p. 158). Corroborando então, com a premissa de que se faz necessário proporcionar os meios para que o próprio colonizado reproduza sua cultura, sua história.

Desta forma a novela de Hatoum caracteriza-se como aquela que integra a literatura ameríndia, uma vez que é um escrito de autoria não indígena. Ainda que haja compilações, transcrições e escritas das etnias da região Amazônica é uma espécie de reprodução e não produção por parte do próprio indígena.

A mescla que o autor faz com a história deixa a obra um tanto fluida em relação à construção e afirmação da identidade cultural indígena, já que a personagem nos relata os mitos de um ponto de vista de quem está inserido dentro da vivência daquele povo: “Florita traduzia as histórias que eu ouvia quando brincava com os indiozinhos da Aldeia, lá no fim da cidade.” (HATOUM, 2008, p.7)

A carga de memória que o protagonista narra perpassa alguns planos: mítico, pessoal e da história. A sua complicada relação com o pai, causada pela morte da mãe no momento do parto, o percurso dos mitos que fazem parte da infância do narrador e também de sua vida adulta, incluindo o *El Dorado* que está intimamente ligado à construção histórica da região Amazônica.

De acordo com a professora Vivian de Assis Lemos (2014, p.56) há homogeneidade da ficção com a história de forma a caracterizar um texto marcado pelo criativo, pela precisão, bem como pelo ardor responsável pelo regionalismo de que falam Tania Pellegrini (2004) e Alfredo Bosi (2001) ao descreverem o fazer narrativo de Hatoum. A partir do momento que o autor escreve em torno do mito do *El Dorado* faz uma releitura da história e uma reconstrução do mito, tornando-os unos, pois esta lenda está intrinsecamente fixada à história regional:

Desde o descobrimento da América, quando se acreditava que o El Dorado estaria no Novo Mundo, ele foi associado à febre do ouro, uma busca interminável por riquezas, que foi o verdadeiro pretexto de grande parte dos descobrimentos. Esse é o ponto de vista defendido por Christian Kupchik (2008) em análise que faz dos mitos que circundam o descobrimento da América e a busca pelas riquezas do Novo Mundo. Segundo esse autor, foram muitas as expedições que saíram em busca da cidade encantada, mais conhecida como El Dorado, mas que também recebeu, de acordo com Pizarro (2012), o nome de Manoa ou Paititi. Segundo Christian Kupchik (2008, p.159), Paititi era o nome de uma cidade governada por “el Gran Padre (Yaya)”, um dos reis incas que governou cem anos antes da chegada do europeu. A expedição mais significativa em busca desse lugar mitológico/lendário foi sem dúvida a encabeçada por Lope de Aguirre, em 1550. Esse

aventureiro partiu em busca do El Dorado fugindo da perseguição que sofria na Espanha. Diante disso, o Novo Mundo, a América recém descoberta, parecia para ele o paraíso, único lugar onde estaria a salvo da realidade abominável a que estava sujeito em terras espanholas. (LEMOS, 2014, p. 59)

A história do Brasil associa-se ao mito uma vez que se acreditou que o país seria o paraíso. Contudo, Hatoum apropria-se da lenda para desconstruí-la ironicamente. Ironia que se caracteriza não pelo seu uso corrente, porém pela união da visão externa. A ironia observável, proposta por D. C. Muecke (1995), professor de literatura que analisa de modo sistemático e exaustivo com exemplos relevantes da literatura internacional, o conceito de ironia desde o seu aparecimento em Platão até a atualidade. Em *Ironia e o Irônico* o estudioso de literatura e teatro, bem como o crítico, encontrarão um dos instrumentos mais instigantes de reflexão e criação literárias (LEMOS, 2014, p.63).

Corroborando com isto Lemos assegura que o escritor o qual está ligado a sua região e opta por falar da história em sua obra ficcional desconstrói e recria. O historiador, em tese, tem fatos para elucidar os acontecimentos históricos enquanto o escritor parte da ficção, para reviver a história. Estar em um elo com a região que habita é de suma importância para o desenvolvimento da narrativa, sobre essa assertiva em uma entrevista ao site Revista de história no ano de 2009, Hatoum explicita:

RH:Qual é a sua relação com a tradição dos autores amazonenses?

MH: Nenhuma. Não apenas os amazonenses, como também os que escreveram sobre o Amazonas, como o Euclides da Cunha ou o próprio Ferreira de Castro. A Selva é um romance com muitos problemas, inclusive de racismo. Não gosto dessa literatura regiona-

lista amazonense, paraense. Quero distancia dela.

RH: Não há nenhuma exceção?

MH: Marcio Souza é uma delas. Outra é o Arthur Cezar Ferreira Reis, que não era bem um escritor – era um homem culto, um nacionalista conservador que de fato contribuiu para a compreensão da região. Djalma Batista, médico famoso e fundador do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), também foi importante. O seu Complexo da Amazônia é fundamental. E existem muitos bons poetas. Acho que eles são melhores que os romancistas. Falo de gente desconhecida ou esquecida: Max Martins, Aldisio Filgueiras, Jorge Tufic, Nelson Farias, Luis Barcelar, entre outros. Só o Thiago de Mello é mais conhecido. (HATOUM, 2005).

Em suas histórias, a Amazônia sempre se faz presente. Para escrever sobre a região o autor afirma que o distanciamento, sua saída de Manaus para Brasília aos 15 anos de idade foi relevante, pois de acordo com o autor a distância ajuda a entender e visualizar melhor a região.

Segundo Hatoum (2006, p.34) ainda que a visão estereotipada da Amazônia é um problema em consequência do tratamento literário que se dá a esta. Ao falar sobre Cinzas do Norte, em entrevista concedida a Julio Baio Borges (2006), Hatoum desenvolve um pouco mais essa questão:

Um dos grandes méritos de Cinzas do Norte, e da sua obra, é consolidar uma linguagem, uma visão de mundo, daquele universo brasileiro em torno da Amazônia, misturado com a colonização libanesa e a presença indígena. Ao mesmo tempo, Cinzas do Norte é genuinamente universal, pelo que contém de drama humano. Como foi chegar a essa síntese desde Relato de um certo Oriente (1989)? Antes de escrever o Relato, eu já estava vacinado contra a literatura regionalista. Não ia

cair na armadilha de representar “os valores” e a cor local de uma região que, por si só, já emite traços fortes de exotismo. Percebi que podia abordar questões a partir da minha própria experiência e das leituras. E fiz isso sem censura, sem condescendência, usando recursos técnicos que aprendi com algumas obras. Tive a sorte de nascer e morar numa cidade portuária, onde não faltam novidades nem aventuras ou casos escabrosos. Além disso, os membros da minha tribo manauara, amigos, parentes e vizinhos não eram figuras de uma natureza-morta. Histórias que vinham de todos os lados, de minha casa, da vizinhança, do porto, dos bordéis e balneários e até da casa do arcebispo. Quando penso na minha infância e juventude, percebo que foi a época em que vivi com mais intensidade, dia e noite. Havia tudo, inúmeras peripécias e também a política, pois meus tios participavam da vida política, que era mais um assunto doméstico. Aos 15 anos saí sozinho e fui morar em Brasília, isso em 1968. E depois morei em São Paulo e fora do Brasil, o que foi importante para minha formação. Chegou um momento em que fiz uma pausa e comecei a escrever sobre esse passado. Mas não queria escrever qualquer coisa, me debrucei no trabalho, na forma do texto, na construção dos personagens. (HATOUM, 2006, p.46).

Para tanto Hatoum, apega-se ao regionalismo como forma de nos mostrar que está “vacinado” em relação a estereotipar a região com um olhar de ‘fora’, para tanto não é um olhar de quem ficou apenas maravilhado e alheio à história real.

Em *Órfãos do Eldorado*, ao reconstruir o mito problematiza o regionalismo com intuito de promover uma visão diferente da Amazônia, possibilitando trânsito entre o mítico regional e o ficcionalismo universal, mediados justamente pela história e pela memória de forma indissolúvel.

Contudo, historicamente sabe-se que o mito do *El Dorado* é uma invenção dos colonizadores para povoar, conquistar e explorar a terra, tendo em vista que a Cidade Encantada, a cidade eu abrigava o ouro, nunca era alcançada, uma espécie de utopia que apenas se afastava que nunca era vislumbrada por ninguém e os “custos foram de sangue”. O próprio título da obra nos dá indícios de que os sonhos pelo El Dorado foram um fracasso, todos ficaram Órfãos.

Em *Amazonia: el rió tiene voces, imaginario y modernización*, de Ana Pizarro, publicado pelo Fundo de Cultura Económica (Chile), em 2009, o qual recebeu recentemente, tradução ao português, dentro da Coleção Humanitas, pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. A autora retrará a Amazônia como mote, a crítica chilena, Pizarro, reúne diversos materiais e recortes sobre a região e com eles muitas “vozes”, isto é, relatos que confirmam o imaginário dos europeus sobre a região: “A Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela” (2009, p. 31), afirma a autora. Conforme a assertiva supracitada sobre o El Dourado:

O mito descreve a existência de um cacique que se banha numa lagoa e após o banho de água, recebe um banho de ouro em pó. Esta ideia da riqueza patente em palácios é, [...] ‘uma carga de douramento asiático’. [...] A estrutura do mito teria, então, três elementos em suas distintas variantes: o cacique Dourado (o príncipe), uma lagoa e ouro em pó. (PIZARRO, 2012, p.80-81).

A novela de Hatoum, no entanto, trabalha na vertente que a “Cidade Encantada”, ou Maravilhosa a qual abriga o ouro do El Dorado, está no fundo do rio, lembrando a cidade de Atlantis. A cidade de Manaus, antiga Manoa – na visão dos espanhóis- é conhecida como

“Cidade Flutuante” por ser banhada por rios, mito preponderantemente anômalo ao El Dourado, ou seja, a cidade perdida de Atlantis reconfigura a Cidade Encantada a qual inicia e termina a vida do protagonista:

Amazonas. Uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava o rio. Não lembro o desenho da pintura no rosto dela; a cor dos traços, sim: vermelha, sumo de urucum. Na tarde úmida, um arco-íris parecia uma serpente abraçando o céu e a água. Florita foi atrás de mim e começou a traduzir o que a mulher falava em língua indígena; traduzia umas frases e ficava em silêncio, desconfiada. Duvidava das palavras que traduzia. Ou da voz. Dizia que tinha se afastado do marido porque ele vivia caçando e andando por aí, deixando-a sozinha na Aldeia. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas. Queria viver num mundo melhor, sem tanto sofrimento, desgraça. Falava sem olhar os carregadores da rampa do Mercado, os pescadores e as meninas do colégio do Carmo. Lembro que ela choraram e saíram correndo, e só muito tempo depois eu entendi por quê. De repente a tapuia parou de falar e entrou na água. Os curiosos ficaram parados, num encantamento. E todos viram como ela nadava com calma, na direção da ilha das Ciganas. O corpo foi sumindo no rio iluminado, aí alguém gritou: A doida vai se afogar. Os barqueiros navegaram até a ilha, mas não encontraram a mulher. Desapareceu. Nunca mais voltou. (2008, p.7)

A indígena tapuia buscava a Cidade Encantada e foi para o fundo do rio, matando para si de uma vez a ilusão do mito do paraíso de ouro.

Quando decidi viver com a minha amada no palácio, ela sumiu deste mundo. Diziam que morava numa cidade encantada, mas eu não acreditava (...) Os sonhos e o acaso me levavam para um caminho em que Dinaura

sempre aparecia. Lembro de ter visto na beira do rio uma mulher parecida com ela. Muito cedo, manhã sem sol, com neblina espessa. A mulher caminhou na margem, até sumir na neblina. Podia ser Dinaura. Ou invenção do meu olhar. Lembrei da tapuia que foi morar numa cidade encantada, corri até a margem Ninguém. (...) A Cidade Encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância. Surgia na mente de quase todo mundo, como se a felicidade e a justiça estivessem escondidas num lugar encantado. (2008, p. 8-30)

Contando sua história aos passantes dali de perto do rio, lugar onde permanece todos os dias, Arminto deixa de ser sujeito paciente de sua vida e passa a ironizar sua contação de vida. Sua história à margem das vontades do pai e contrariando os preceitos dos amigos, de forma que inicia e termina sua saga com o mito do El Dorado, desacreditado por quem ouve, apesar de o mito ser fundador da construção histórica regional. Para tanto os rios, lagos e lagoas os quais integram os rituais indígenas, são tidos como sagrados, a água é sagrada, e é onde começa e finda a vida da personagem.

Quando o protagonista inicia sua busca pela amada Dinaura, que aparentemente foi para a Cidade Encantada, manda que alguns barqueiros vão à procura da moça, um deles chama-se Ulisses Tupi e é o único que retorna sem trazer mentiras, ou falsas indígenas para Arminto, o nome da personagem caricata é outra apropriação mitológica do autor que faz uma clara alusão ao herói da *Odisséia*, constituindo uma intertextualidade distinta.

A desconstrução do mito em Hatoum se dá justamente porque os valores que eram pregados pelos exploradores do Novo Mundo caem por terra, a busca de riquezas materiais é uma falácia, na obra os verdadeiros tesouros que se bus-

cam são: felicidade e paz de espírito. De modo isolado a busca da personagem é por sua amada, o que simboliza o amor, e não por ouro.

O pai de Arminto, Amando Cordovil, era obstinado em sua busca por riqueza, e era através do lucro que obtinha com a borracha, na construção da empresa, o ouro que escorria da seringueira, em cada polo figurativo tem-se de um lado o explorador nato do El Dorado e a personagem “ovelha negra” [filho]. Enfim, o que buscou enriquecimento material, Armando, morreu desgostoso e o que buscou paixão, Arminto, empobreceu, pois esta é fugaz e passageira.

De acordo com a professora Pizarro, o *El Dorado* não “é um lugar, mas um sentimento”, o lugar da plenitude onde somente “quem ama já chegou, já vive nela”. Dinaura era para Arminto o *El Dorado* (HATOUM, 2008, p.82).

Em suma, toda a construção da obra encontra-se interligada ao mito, do nome da obra ao nome do cargueiro que naufraga, percebe-se na tessitura da novela quando o autor mescla a história com a literatura: “(...) os homens cegos pelo látex só poderiam morar no bairro “Cegos do Paraíso”, ou talvez fosse melhor dizer, “cegos pelo paraíso”. (LEMOS, 2014, p.65) Incluindo ainda, as meninas do convento que eram órfãs, todas sem identidade, o colonizador havia arruinado suas culturas que antes era imaculada, assim como o ar de mistério que finaliza a obra e o leitor não compreende se a personagem amada pelo protagonista foi encontrada na Ilha ou se foram apenas devaneios ou ainda outra lenda indígena repassada pelos mais antigos.

Considerações finais

O presente artigo buscou delinear a obra de Milton Hatoum percorrendo a

tessitura da obra, relações bem como sua relevância. Desta forma apresentou-se as características das relações sócias da época ligadas ao látex e ao mito *do El Dorado*.

Esta análise também mediou o estudo sobre a colonização e descolonização presentes na narrativa e como se dá a literatura indigenista e ameríndia assim como sua dessemelhança. A construção da ficção por meio da história foi elemento figurativo para desenvolver as passagens ligadas à verossimilhança dos acontecimentos históricos. Dessa forma podendo ser esse um exercício viável na interpretação da história, e de que forma contribui para consolidação do romance de Hatoum, o resgate que o autor promove dos mitos e tradições indígenas ligados a região da Amazônia.

Com propósito de contribuir para a discussão no que tange aos estudos pós-coloniais apresentou-se também o problema do local da enunciação, a “voz” da narrativa, tal qual o posicionamento do narrador, Arminto, com discurso colonizador. Por meio da análise do discurso percebeu-se os traços do “homem branco” em detrimento do indígena/colonizado.

Referências

- CORNEJO POLAR, Antonio. **O condor voa**: literatura e cultura latino-americanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- CUNHA, Rubelise da. (Re) Conhecimento: Um olhar transcultural no Ensino de Literatura Indígena. **Revista de Estudos Linguísticos**, nº 50, jul/dez., 2014, Salvador-BA: 2014, pp. 06-18.
- HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2005.
- _____. A noite de espera.

Entrevista com Milton Hatoum, 2006. Em: <<https://goo.gl/jyKSV2>>. Acesso em: 12 Ago 2017.

Instituto Nacional de Pesquisas do Amazonas. **Entrevista com Milton Hatoum**, 2005.

LEMOS, Vivian de Assis. **Mito, História e Memória em Órfãos do Eldorado**. São José do Rio Preto-SP, 2013.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio**: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.